



POR UMA EDUCAÇÃO VISUAL NA EJA-EPT: O DISCURSO SOBRE A IMAGEM VISUAL NA PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO GEOGRÁFICO

Ricardo Santos de Almeida¹

RESUMO: Este estudo objetiva-se por evidenciar a relevância do uso e da produção da imagem visual em contextos educacionais contributivos aos conhecimentos didático-pedagógicos na Geografia. Neste sentido, notabilizaremos a experiência docente ao longo da oferta do componente curricular Geografia em turmas de dois cursos (Hospedagem e Cozinha) da Educação de Jovens e Adultos no âmbito da Educação Profissional e Tecnológica (EJA-EPT) ofertada durante o Ensino Remoto Emergencial (ERE), em 2021, utilizando-se de Ambiente Virtual de Ensino e Aprendizagem do Instituto Federal de Ciência e Tecnologia de Alagoas Campus Marechal Deodoro, em Alagoas. Para tal, nos utilizamos da ferramenta metodológica Análise Arqueológica do Discurso, de Foucault (2019), e, perpassa-se por toda a experiência aqui discutida o arcabouço teórico-metodológico de Freire (1967, 1982, 1987) contributivo à operacionalização de conhecimentos geográficos e suas aplicações mediando múltiplos usos da imagem visual, referenciado a partir de Carlos (2017), para uma compreensão do trabalho como princípio educativo no contexto da Educação de Jovens, Adultos e Idosos.

PALAVRAS-CHAVE: Educabilidade do olhar, Imagem visual, Educação geográfica.

ABSTRACT: This study aims to highlight the relevance of the use and production of visual image in educational contexts that contribute to didactic-pedagogical knowledge in Geography. In this sense, we will highlight the teaching experience throughout the offer of the Geography curricular component in classes of two courses (Hospedagem and Cozinha) of Youth and Adult Education in the context of Professional and Technological Education (EJA-EPT) offered during Emergency Remote Teaching (ERE), in 2021, using the Virtual Teaching and Learning Environment of the Instituto Federal de Ciência e Tecnologia de Alagoas Campus Marechal Deodoro, in Alagoas. To this end, we used the methodological tool Archaeological Discourse Analysis, by Foucault (2019), and the theoretical-methodological framework of Freire (1967, 1982, 1987) that contributes to the operationalization of geographic knowledge is permeated throughout the experience discussed here. and its applications mediating multiple uses of visual image, referenced from Carlos (2017), for an understanding of work as an educational principle in the context of Youth, Adult and Elderly Education.

KEYWORDS: Educability of the look, Visual image, Geographic education.

INTRODUÇÃO

A postura práxis docente na Geografia utiliza a imagem visual corriqueiramente como um recurso didático pedagógico complementar para que um conteúdo, conceito ou tema seja discutido dentro ou fora da sala de aula. A partir do momento em que o/a docente trilha por uma consciência espacial cidadã notabiliza-se um novo olhar sobre como cada ferramenta, recurso ou mídia pode ser utilizado na Educação geográfica reafirmando a importância da Geografia na vida dos estudantes participantes dos processos de ensino-aprendizagem. Neste

¹Docente do Instituto Federal de Ciência e Tecnologia de Alagoas Campus Marechal Deodoro e da rede pública municipal de Porto Calvo/AL. Doutorando em Geografia pela Universidade Federal de Santa Maria. Estudante del Doctorado en Ciencias de la Educación pela Universidad Interamericana. E-mail: <ricardosantos@gmail.com>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1266-2557>. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5955679764505968>.



sentido, entende-se que o ser professor-pesquisador-educador em Geografia deve contribuir para a ruptura com uma educação mnemônica elevando a ciência geográfica colaborativa à compreensão de sistemáticas e não lineares transformações que ocorrem no espaço geográfico com ou sem interferência dos seres humanos e de acordo com Freire (1981, p. 35) ao afirmar que “toda prática educativa envolve uma postura teórica por parte do educador” reforçamos a importância do professor como mediador nos processos de ensino-aprendizagem colaborativo ao protagonismo estudantil pelo uso da imagem visual. Encontramos na educabilidade do olhar uma estratégia para potencializarmos a significação dos conteúdos, conceitos e temas geográficos amplamente debatidos nos espaços formais ou informais da educação. Aqui enfatizaremos como a Geografia contribuiu com educabilidade do olhar no âmbito do Programa Nacional de Integração da Educação Profissional com a Educação Básica, na Modalidade de Jovens e Adultos (PROEJA) ultrapassando a mera condição de interpretação de imagens visuais para a produção de conhecimentos geográficos sobre as diferentes realidades dos estudantes participantes do segundo módulo dos cursos de Cozinha e Hospedagem no Instituto Federal de Ciência e Tecnologia de Alagoas (IFAL) no Campus Marechal Deodoro/AL, nos dias 10 e 11 de fevereiro de 2021.

O estudo aqui empreendido consubstancia-se por afirmar que a imagem visual é também produtora de conhecimentos geográficos e seu uso deve ultrapassar a condição de ilustração ou complementação a explicação de um fenômeno que ocorre no espaço geográfico. Neste sentido, contribuímos para que uma nova apresentação sobre o que se observa através do olhar seja realizada entendendo que nem tudo se revela pela paisagem, mas com ela se inquieta, a saber, as múltiplas relações que se estabelecem cabendo um incentivo à investigação por parte do profissional docente na Geografia requerendo-se assim uma alfabetização geográfica que dê sentido ao aprendizado de diferentes conteúdos, conceitos e temas debatidos no componente curricular Geografia.

Quando o mundo nos é apresentado na infância há uma relação indissociável com os aspectos sensoriais, e, prioritariamente visual estimulando-se a prática da observação. Neste feixe de relações nos reconhecemos e nos transformamos tal como Sousa (1995, p. 16) nos afirma como “agente de importantes interactividades, construtor do mundo e se suas ficções” requerendo-se para este processo uma atitude pedagógica centrada na expansão das ações elementares sobre os rabiscos ou mesmo o manuseio de equipamentos para retratarmos o que está posto nas entrelinhas das paisagens. E por mencionar esta categoria geográfica contributiva as leituras de mundo a defendam para além das representações contidas nas imagens visuais que expressam a existência ou não de laços afetivos entre pessoas e lugares,



mas como colaborativas a compreensão das crenças e valores que podem traduzir sentimentos e fantasias diversas face ao espaço geográfico em que o protagonista da leitura de mundo se localize.

É, portanto, superando a condição da paisagem como herança cultural, espiritual e intelectual que podemos contribuir para novas trilhas didático-pedagógicas que envolvem representações, produções, sistematizações, análises de diferentes imagens visuais proporcionadas no processo educativo que corroboramos ao pensamento de Santos (2014, p. 77) que afirmam que “paisagem e espaço são um par dialético, complementam-se e se opõem”. Logo, entende-se que há um continuo movimento permitindo-nos pela educabilidade crítica do olhar do estudante o entendimento da mobilidade visual, ou seja, dos imprevistos, da superação da aparência e coexistência de formas de interação sobre a ação do homem sobre a natureza ou desta sobre o mesmo e “deverá ser constituída por meio de um movimento contraditório que consiste, precisamente, em recorrer à imagem fílmica para mediar a apropriação do conhecimento escolar” (CARLOS, 2017, p. 566), por exemplo, caso se utilize um vídeo, ou até mesmo que este seja produzido pelo estudante, ou quem sabe um desenho ou uma fotografia.

O percurso que envolve a ruptura da opacidade do presente rumo à criticidade dos fenômenos geográficos se perpassa por uma nova perspectiva nos estudos sobre as paisagens. Este processo se perpassa por analisarmos os sistemas de formação acadêmico-científicos e também escolares, pois o entendimento sobre a natureza criativa do ser humano é amplamente tolhido no que diz respeito ao desenvolvimento de planos práticos e conceituais sobre os contextos culturais em que os sujeitos do processo de ensino-aprendizagem se inserem. Daí tem-se o entendimento de que a paisagem tem permanência e consubstancia-se de elementos estruturantes oportunizadas por recepções ópticas, seletividades celulares por estímulos, e como algo permanente e constante, precede a história por oportunizar reconhecimentos, respostas e ações mentais contribuindo para a reescrita sobre os processos socioespaciais que permitem ao pesquisador dotar-se na narrativa explicativa do detalhamento do que está posto nas entrelinhas do campo visual enfatizando-se a relevância dos diferentes elementos que constituem a resolução neurônica das imagens. Logo, ao tomar consciência da superação do mero ato de visualizar ou da reescrita sobre a paisagem, acolhe-se uma novidade, uma inovação, contribui-se para a produção de conhecimentos geográficos ao associar ao que se vê o conjunto indissociável de sistemas e objetos geográficos superando a opacidade. É sempre à luz do espaço estruturado superando as percepções visuais, que Santos (2014, p. 77) afirma que “a sociedade se encaixa na paisagem, supõe lugares onde se instalam, em cada momento,



suas diferentes frações”. Logo, o professor-pesquisador-educador, nos contextos formais ou informais da educação, deve permitir-se imergir em espaços plurais e moventes contribuindo para uma Geografia da observação que supere o simples ato do ver e metodologicamente viabilize a libertação e a tomada de consciência sobre os processos que estão para além das paisagens, ou seja, para o entendimento dos processos que constituem o visível, o sentido e o vivido descrystalizando a mera representação e os valores geográficos ainda perenes resquícios da influência francesa na Geografia brasileira.

O fato de a realidade ser dinâmica contribui para a experiência visual. Neste sentido, estimulando uma observação analítica propõe Sousa (1995, p. 31) “considerarmos que o nosso olhar funcionou essencialmente no plano das sensações, apesar do largo espaço das percepções envolvidas, mas que não elaboramos uma consciência visual profunda do lugar” e se posiciona como sujeito produtor de conhecimentos ao articularmos o olhar cotidiano às atividades que são estabelecidas em sala de aula, a exemplo da aprendizagem sobre os principais conceitos geográficos, como paisagem, região, lugar, território e espaço geográfico se dar também de modo colaborativo pelo protagonismo estudantil sob a mediação do professor-pesquisador-educador para que possam ser problematizados os achados do somatório de olhares que se encontram nas paisagens retratadas.

METODOLOGIA

O estudo empreendido consubstanciou-se da caixa de ferramenta metodológica Análise Arqueológica do Discurso, de Foucault (2019) e utilizou-se dos enunciados Educação visual, e Imagem visual, contidos nas obras de Sousa (1995) e Carlos (2017). Desta feita, entende-se Educação visual como um processo consubstanciado por trilhas e enredos formativos canalizadores de emoções expressas artisticamente representando o mundo em que o indivíduo e a coletividade se relaciona e objetiva-se pela não reprodução ou imitação contribuindo para o desenvolvimento psicossocial de cada estudante nos mais diferentes componentes curriculares. Já a Imagem visual resulta da união de elementos visuais (cor, o ponto, a linha, a forma, o plano e a textura) não sendo esta a representação ou aquilo que se vê de imediato, mas encontra-se dotada de múltiplas faces e interfaces entre significantes-significados correlacionados à realidade dando-lhe sentidos. Ela contribui para a produção e organização de conhecimentos e deve ser potencializada como artefato cultural libertador ao ser utilizada como instrumento pedagógico, e neste, é possível o incentivo a sua produção



dentro e fora da sala de aula na perspectiva de uma educabilidade do olhar na compreensão das dinâmicas socioespaciais.

Ao compreendermos os espaços escolares como *lócus* da socialização de conhecimentos emerge-se metodologicamente a perspectiva dos estudos de Paulo Freire (1967, 1982, 1987), que, embora de imediato não se ocupe dos enunciados Educação visual e Imagem visual em suas narrativas e debates ou não explicita estudos com ênfase à educabilidade do olhar e da pedagogia crítica da visualidade contribuiu significativamente para que pudéssemos pensar e aplicar estratégias metodológicas que envolveram a Educação visual e as possibilidades do incentivo a produção e estudo das Imagens visuais na educação geográfica sob uma perspectiva libertadora como foram empreendidas nas duas turmas dos cursos anteriormente mencionados.

Defende-se neste estudo a utilização de dispositivos móveis contributivos à mediação de conhecimentos em sala de aula virtual no contexto do Ensino Remoto Emergencial (ERE), e foram por eles que a imersão sobre a produção das imagens visuais atreladas a diversos conceitos geográficos, tais como: paisagem, região, lugar, território, espaço, etc por cada estudante foi empreendida compartilhando para a produção destes conhecimentos a relação texto-imagem expressando seus sentimentos, carências e necessidades educacionais reafirmando o protagonismo estudantil e o professor-pesquisador-educador como mediador e não mero reproduzidor de conhecimentos permitindo aos estudantes o compartilhamento de suas experiências para além do visível aprendendo a luz de suas experiências e vivências cotidianas, mesmo estando em casa ou no percurso para o trabalho.

Os estudos de Cavalcanti (2012) e Santos (2014) neste estudo contribuem para reafirmar pela Geografia a importância do estudo sobre dinâmicas e metamorfoses socioespaciais para além do visível e que estes processos podem se dar pela educabilidade do olhar. Sob a imersão miltoniana destacamos que a paisagem aborda a associação de características humanas e naturais da superfície terrestre especialmente as que são visualmente perceptíveis alteradas pelo desenvolvimento humano e suas tecnologias. A tecnologia se transforma em técnica subordinada aos interesses econômicos, políticos e ideológicos. Como a paisagem é considerada a materialização da ação humana no espaço, através da necessidade de adaptação à sobrevivência do homem na natureza, e, atualmente a sociedade, de alguma maneira, está alterada na superfície terrestre haja vista que toda a paisagem, mesmo que aparentemente intocada já perdeu a sua naturalidade devido à ação do homem. Sendo assim, os autores aqui mencionados contribuem para despertarmos novas operacionalizações e sentidos aos conhecimentos geográficos e suas aplicações diversas



através dos múltiplos usos da imagem visual, referenciado a partir de Carlos (2017), para uma compreensão do mundo, neste estudo a Educação Profissional Tecnológica no contexto da Educação de Jovens, Adultos e Idosos, embora este estudo contribua para a Educação Popular, dos Ensinos Fundamental, Médio, Superior.

REFERENCIAL TEÓRICO

Os conhecimentos geográficos, assim como quaisquer outros, são construídos a partir da relação que o ser humano estabelece com o meio em que vive bem como depende da maneira como o trabalho é realizado sob a égide de um determinado modo de produção. Assim sendo, é por meio do diálogo entre as geografidades ou as maneiras como diferentes fenômenos se organizam espacialmente, em diferentes escalas (local, estadual, nacional, regional, planetária, entre outras), que os estudantes podem melhor compreender e problematizar as determinações dos mesmos, tornando-se, dessa maneira, capazes de entender o *modus operandi* da produção do espaço geográfico em que vivem e se relacionam. Logo, o desconhecimento sobre as dinâmicas socioespaciais em que se vive corrobora para que a opacidade do espaço se estabeleça e não seja possível repensar intervenções colaborativas ao descortinamento das tendências de opressão às quais diferentes populações ainda vivem.

É pela Educação geográfica que se desenvolve a capacidade de observação de fatos, acontecimentos e diferentes dinâmicas que contribuem para a elaboração de conceitos, temas ou mesmo a resolução de problemas utilizando-se dos conhecimentos geográficos para além das paisagens.

Notabiliza-se que nos espaços escolares há carência de materiais, recursos e mídias bem como apoio a atividades externas e no contexto do Ensino Remoto Emergencial (ERE) dotabilizou-se de outras oportunidades para que o professor-pesquisador-educador se adequasse o ensino ao novo contexto da sociedade atual que ainda vivencia a pandemia do Covid-19, dispondo neste processo de caos social cada vez mais globalizado utilizando-se de aplicativos de mensagem ou Ambientes Virtuais de Ensino e Aprendizagem que possibilitaram uma aproximação produtiva na convivência forçada com os diversos aparatos tecnológicos. Para Lacerda (2009, p.8) “um ensino de qualidade envolve uma conduta, a educação não deve ser considerada como um produto”. Logo, é imprescindível a utilização de metodologias educacionais que estimulem o protagonismo estudantil contribuiuvas a uma educação de qualidade, que ultrapasse todas as barreiras e adentre nas questões sociais, buscando medidas de soluções e inovações. Nesse sentido, a didática é responsável por



mostrar o caminho por meio dos métodos e das técnicas que levem a aprendizagem e a natureza do conhecimento. “A didática tem por objetivo o ‘como fazer’, a prática pedagógica, mas este só tem sentido quando articulado ao ‘para que fazer’ e ao ‘por que fazer’”. (CANDAUI, 2011, p. 18). Toda prática deve ser pensada com objetivos, propósitos e uma intenção cada vez mais articulada a uma educação real, situada no contexto da escola e no dos que nela habita na busca pela realidade moral, pessoal e intelectual.

As práticas pedagógicas da didática propõem um novo sentido para se abordar os temas em Geografia, conforme Sacramento (2010, p. 5) “o papel atual da Geografia escolar é fazer com que o aluno compreenda os fenômenos geográficos especializados em seu cotidiano, permitindo-lhe localizar-se e perceber tais transformações”. Neste contexto, pensar o currículo é reestruturar o saber, para que o espaço virtual escolar no contexto do ERE possa intervir na construção de um conhecimento em que o aluno e o professor dialoguem, na concepção de uma disciplina voltada para as transformações dos lugares com os quais se relacionam o educador e o educando. Refletindo o ensino e a educação em uma perspectiva dialética.

O desenvolvimento e aplicação de planejamento em Geografia para as turmas de EJAII devem alicerçar-se na busca pela compreensão das dinâmicas sociais, espaciais e temporais em escalas local e global em uma perspectiva multidisciplinar requer uma incorporação de conceitos/conteúdos que vão além dos conceitos geográficos de paisagem, espaço e tempo, sociedade, lugar, região e território, pois requer uma prudência metodológica que abranja a diversidade dos temas transversais. Recomenda-se, portanto, o uso da imagem visual como alicerce à prática didático-pedagógica em todas as aulas, de modo parcial ou total, observando-se o conteúdo no itinerário formativo estimulando a aprendizagem tornando as aulas mais atrativas. Freire (1982, p. 35) afirma que “toda prática educativa envolve uma postura teórica por parte do educador”, e assim sendo, a postura práxis docente enfatiza que o uso da imagem visual deve se perpassar pela leitura de mundo e mediada a uma teia de relações problematizadoras que busquem a libertação, ou seja, a elevação da consciência espacial cidadã, pois ainda de acordo com Freire (1982, p. 35) “esta orientação no mundo só pode ser realmente compreendida na unidade dialética entre subjetividade e objetividade. Assim entendida, a orientação no mundo põe a questão das finalidades da ação ao nível da percepção crítica da realidade”. Por mais que a Geografia use a imagem visual, ainda não há reconhecimento de que a partir dela se pode produzir conhecimentos geográficos. Desta feita, Freire (1967, p. 144) nos convida à adoção e utilização da imagem visual em processos diversos de aprendizagem e ao utilizar-se para a alfabetização de uma palavra geradora



(favela) nos dá caminhos para compreender dinâmicas socioespaciais, pois imbricada neste processo metodológico foi “analisada a situação existencial que representa em fotografia, aspecto de uma favela e em que se debate o problema da habitação, da alimentação, do vestuário, da saúde, da educação, numa favela e, mais ainda, em que se descobre a favela como situação problemática, se passa à visualização da palavra, com a sua vinculação semântica”. Neste sentido, utilizando-se da imagem visual representada na materialidade de uma fotografia Cavalcanti (1998, p. 100) nos permite validar este procedimento ao valorizar-se na imagem visual fotográfica ou fílmica, por exemplo, “seus aspectos determinantes e em suas várias dimensões, que se vivencia empiricamente um primeiro nível de identificação com o lugar”.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

É crucial que o processo educativo tenha como fundamento basilar, a promoção de elementos que possam contribuir com conexões que consigam despertar e explorar o processo criativo do indivíduo, na qual, está inserido no processo educacional. Deste modo, é fundamental que o cotidiano e a percepção do aluno ganhe notoriedade, pois a educação ou o processo educacional ganhará notoriedade através de conexões que possibilite o olhar educando.

Dentro da dinâmica e proposta de ensino de Geografia, é fundamental pontuar a sua horizontalidade, isto é, a geografia tem essa capacidade de inserir diferentes elementos oriundos de diferentes áreas do conhecimento e, assim, tornar o processo de ensino mais dinâmico. Sendo assim, é importante inserirmos diferentes estímulos, como: filmes, músicas e o crucial trazer para a dinâmica de ensino o cotidiano do aluno. Faz-se necessário, portanto, ultrapassar a condição de que a imagem visual ainda é apenas uma mediadora ou ilustradora dos campos de domínio dos saberes geográficos, como suporte a compreensão das dinâmicas estudadas por disciplinas acadêmico-científicas associadas ao estudo geográfico como a Geomorfologia, a Geologia, a Hidrografia, a Educação Ambiental, entre outras.

Para Carlos (2017, p. 558), no que diz respeito a educação e visualidade se faz necessária a compreensão da rede de significantes visuais e aqui enfatizamos que ela pode ser oriunda e contributiva à análise de um filme, uma fotografia, um desenho, pois “mobiliza, seleciona, articula e organiza na trajetória de sua produção visual: objetos, personagens, ações, ruídos, falas, diálogos, contrastes, cores, luminosidades, vestuários, duração, época, tempo, lugar, paisagem, situações e cenários.” Estimular a cultura do uso da imagem visual e



(re)pensarmos como ela é utilizada, seja como um clique para si, ou mesmo consumida pelas pessoas para os mais diversos fins se faz necessário.

As pessoas vivem fissuradas nas imagens, e elas circulam cotidianamente no espaço geográfico ou no ciberespaço podendo ter diversos usos. Ao defendermos o discurso sobre a imagem visual na Geografia para além das finalidades didático-pedagógicas afirmamos que por ela pode produzir conhecimentos geográficos, pois sua análise de modo aprofundado, a partir de diversos olhares, permite-nos uma série de compreensões sobre conceitos fundantes da Geografia superando-se a mera leitura das paisagens como um mero congelamento de um dado espaço-tempo elevando a perspectiva de Santos (2014, p. 67) que considera a paisagem como “tudo o que nós vemos, o que nossa visão alcança, é a paisagem. Esta pode ser definida como o domínio do visível, aquilo que a vista abarca. É formada não apenas de volumes, mas também de cores, movimentos, odores, sons etc”, ou seja, supera-se a condição tradicional da leitura de um conceito geográfico em que se considerava a paisagem como apenas o que se vê.

Afirma-se, portanto, a relevância da disseminação do conhecimento a partir do modo como a prática docente supera a mera condição bancária tal como afirma Freire (1967, p. 26), pois cabe ao professor-educador estar a serviço da libertação dos homens e mulheres alicerçado do objeto de estudo da ciência a qual estuda e leciona devendo este dirigir-se “às massas mais oprimidas, acreditou em sua liberdade, em seu poder de criação e de crítica” colocando a imagem como produtora de conhecimento e esta tenderá a uma utilidade social contributiva ao entendimento do espaço geográfico ao qual os estudantes encontram-se inseridos, já que a imagem circula global e localmente através das redes sociais e de outros meios digitais. Então, diante disso, a nossa assertiva sobre a tese aqui defendida é que a imagem visual é produtora de conhecimento geográfico.

A imagem visual também cumpre a função de modo interdisciplinar na produção do conhecimento na Geografia, pois os saberes estão sendo acionados nesses campos, dos mais diversos modos, como por exemplo, a análise da paisagem. Dito de outro modo, quando analisamos uma paisagem acionamos elementos de natureza econômica, social, política e cultural, isto é, a imagem visual fortalece múltiplos saberes elaborados que concernem a produção do conhecimento e ela precisa ser estimulada não apenas para sua leitura e interpretação, mas para que cada olhar de estudante de EJAII possa ser revelado por suas próprias lentes e falas. Sendo assim, o atual status da imagem visual pode e deve ser superado na Geografia a partir de sua elaboração associada a produção de conhecimento geográfico.



Buscando superar o uso da imagem visual como meras “[...] ajudas audiovisuais, aulas dinâmicas e ensino técnico-profissional [...]” (FREIRE, 1982, p. 124) buscou-se implementar ações ativas, dialogais e participativas no processo de educar reconhecendo o público das aulas e suas identidades, respeitando suas experiências e vivências. A Geografia, ciência que estuda o espaço geográfico, deve em suas aulas superar a utilização das imagens visuais como mera ferramenta que identifique ou descreva as paisagens.

Freire (1982) sustenta a imagem como objeto do conhecimento, ou seja, é através de sua decodificação a partir de questões problematizadoras que podemos evidenciar o objeto (imagem visual) contributivo a compreensão de um conjunto semelhante que se diferencia entre si, mas que não se modifica a si próprio devido ao ser da linguagem, ou seja, ao modo como os signos se dão e se constituem. Neste sentido, Freire (1982) elide a imagem visual como objeto do conhecimento a partir do seguinte exemplo: “[...] suponhamos [...] a codificação de uma situação de trabalho no campo. A “estrutura de superfície” dessa codificação seria representada por diferentes dados: a presença de mulheres e de homens trabalhando com alguns instrumentos; a figura do patrão, no seu cavalo; árvores, pássaros, animais etc” (FREIRE, 1982, p. 51). Diante deste exemplo, a contribuição de Freire para a realização de um processo educativo libertador através do uso da imagem visual corrobora para a evidenciação de qualquer processo significativo, ou seja, ao revelar todas as marcas empírico-visuais que estejam contidas nas imagens utilizadas em sala de aula, sejam elas representações das paisagens naturais ou produzidas pelos seres humanos, bem como seus significados, ou seja, as ideias relacionadas ao significativo que revelam o mundo devem promover a produção de conhecimento e a mediação sobre o que está posto nas múltiplas dinâmicas do mundo.

Metodologicamente a ação em sala de aula, utilizando-se a imagem visual, deve respeitar alguns preceitos conforme Freire (1982, p. 51-52) sugere que “o primeiro momento da “leitura” ou descodificação se centra na descrição daqueles dados”. Diante do exposto, ao cumprir uma “função de eficiente artifício mnemônico no sentido da ligação com suas representações verbais gráficas, ainda mais quando estavam cultural e afetivamente associadas ao universo vivencial” (CARVALHO, 2004, p. 113) a imagem visual nas turmas de EJA-EPT sob o tema-gerador: Diálogos possíveis entre nosso cotidiano e a educação geográfica, nos dias 10 e 11 de fevereiro de 2021 durante duas aulas do Ensino Remoto Emergencial, utilizou-se de diversas imagens visuais que relacionavam-se com os cotidianos dos estudantes e confluuiu para a compreensão das múltiplas dinâmicas socioespaciais que relacionam seus cotidianos as propostas dos cursos em que os educandos são matriculados.



Como a imagem está atrelada ao uso da tecnologia se faz necessária a formação do professor-educador em via de mão dupla, no sentido desta formação permitir um amplo conhecimento sobre a importância da imagem visual, suas funções e também para suscitar que esta seja oportunizada na perspectiva técnica, da feitura da imagem visual, pois uma coisa é pegar a imagem pronta, outra coisa é você fazer a imagem. É através de uma educação visual os sujeitos estabelecem autonomia e os educadores são instrumentos que possibilitam facilitar e viabilizar uma liberdade criativa. Segundo Sousa (1995, p. 23) “a experiência artística, que torna visível uma realidade tantas vezes encoberta pelo lado óbvio dos conceitos em torno dela, tem um cunho raro e difícil, passa pelo individual sem negar o coletivo”. Logo, os processos educativos são fundamentais para oferta de um leque de experiências no sentido de apresentar novas descobertas.

As imagens podem ser compreendidas utilizando-se diferentes imagens visuais produzindo conhecimentos geográficos utilizando-se e dando significado às vidas dos educandos a partir da operacionalização mais proximal dos conceitos geográficos paisagem, região, lugar, território e espaço e os processos que envolvem a (re)produção do espaço, as transformações das paisagens, as tensões geopolíticas, etc., para o ensino na EJA-EPT. Sendo assim, destacamos o conhecimento freiriano como relevante a discussão da imagem visual para além da mediação, ilustração ou como recurso didático, ou seja, é possível produzirmos conhecimentos a partir delas promovendo a educação visual.

É crucial que o processo educativo tenha como fundamento basilar, a promoção e inserimento de elementos que possam contribuir com conexões que consigam despertar e explorar o processo criativo do indivíduo, na qual, está inserido no processo educacional. Deste modo, é fundamental que o cotidiano e a percepção do aluno ganhe notoriedade, pois a educação ou o processo educacional ganhará notoriedade através de conexões que possibilite o olhar educando.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A imagem visual também cumpre a função de modo interdisciplinar na produção do conhecimento na Geografia, pois os saberes estão sendo acionados nesses campos, dos mais diversos modos, como por exemplo, a análise da paisagem. Dito de outro modo, quando analisamos uma paisagem acionamos elementos de natureza econômica, social, política e cultural, isto é, a imagem visual fortalece múltiplos saberes elaborados que concernem a produção do conhecimento e ela precisa ser estimulada não apenas para sua leitura e



interpretação, mas para que cada olhar de estudante possa ser revelado por suas próprias lentes e falas. Sendo assim, o atual status da imagem visual pode e deve ser superado na Geografia a partir de sua elaboração associada a produção de conhecimento geográfico.

Acreditamos, portanto, que os diversos processos de ensino-aprendizagem, relacionados ao uso da imagem visual, devem ser considerados, ou seja, fazem-se necessários para a realização de um plano de ação que considerem as dimensões sociais e intelectuais, pois é a partir destes processos que estabelecem-se o desenvolvimento pessoal dos participantes do processo de ensino-aprendizado, o desenvolvimento social dos sujeitos a partir do estímulo à participação, integração e sentimento de pertencimento à comunidade a partir do desenvolvimento de ações alicerçadas na consciência espacial-cidadã e que contribuem para o estabelecimento de uma sociedade justa. No que diz respeito ao desenvolvimento intelectual promovem-se atitudes responsáveis, a autonomia e a otimização das aprendizagens observando-se que as experiências universitárias também contribuem para a práxis social. Já no desenvolvimento emocional estabelecem-se ferramentas e estratégias didático-pedagógicas que estimulam a melhora do relacionamento interpessoal entre todos os participantes garantindo-lhes profissionalismo e segurança emocional diante das dificuldades no exercício pessoal e profissional.

REFERÊNCIAS

CANDAU, V. M. **Rumo a uma nova didática**. 21. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

CARLOS, Erenildo João. Sobre o uso pedagógico da imagem fílmica na escola. **ETD- Educação Temática Digital** Campinas, SP, v. 19, n. 2, p. 550-569, abr./jun. 2017. Disponível em: <<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/etd/article/download/8645247/15712>>. Acesso em: 20 fev. 2020.

CARVALHO, V. V. M. As imagens no “Método Paulo Freire” na experiência de Angicos (RN) 1963. In: **Revista Educação em Questão**, Natal, v. 21, n. 7, p. 98 115, set./dez. 2004.

CAVALCANTI, L. S. **O ensino de geografia na escola**. Campinas, SP: Papyrus, 2012.

FOUCAULT, M. **A Arqueologia do Saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2019.

FREIRE, P. **Educação como prática de liberdade: a sociedade brasileira em transição**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1967.

FREIRE, P. **Ação cultural para a liberdade: e outros escritos**. 8. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.



XIV ENCONTRO NACIONAL DE
PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM

GEOGRAFIA



LACERDA, R. B. dos S. **Desafios da didática na formação de professores de Geografia.** ENPEG, Porto Alegre, 2009.

SACRAMENTO, A. C. R. Didática e Educação Geográfica: algumas notas. **UNIPluri/Versidad**, 2010, v.10, n.3, Version Digital.

SANTOS, M. A. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção.** 4 ed. São Paulo: EDUSP, 2014.

SOUSA, R. (org.). **Didáctica da Educação Visual.** Lisboa: Universidade Aberta, 1995.